

METADE

(ou Todo olhar por mais inteiro só enxerga um homem repartido)

Andre Luiz Godinho Aguiar

BIOGRAFIA DO AUTOR

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Cultural, Jornalismo Multimídia e Jornalismo Literário.

RESUMO DO TEXTO

Ricardo Fernandes está morto. Este conto explora os múltiplos olhares em torno deste homem – marido, pai, amigo, filho, leigo. Cada personagem, por mais que se esforce e se acredite íntimo, tem um ponto de vista limitado sobre sua realidade.

1.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas.

Dentro da mesma casa, o pai, a mãe e as três filhas poucas vezes se encontravam. As garotas estudavam durante a manhã e preenchiam todo o tempo da tarde com atividades extracurriculares: aula de balé, de jazz, de inglês, alemão, canto, violino. Os pais ficavam trancafiados cada um em seu escritório, tratando de planilhas, gráficos, números, finanças e cafés sem açúcar trazidos por seus secretários.

Todos seguiam incomunicáveis, um sem saber exatamente o que outro fizera durante as últimas horas, exceto pelo jantar semanal, nas noites de sexta. Era o único dia da semana em que as crianças podiam dormir mais tarde e conseguiam esperar até a hora dos pais chegarem ao apartamento—trabalhar com o fuso horário de outros países dificultava o relacionamento familiar. Enquanto se serviam com uma lasanha deixada pré-assada pela empregada, os cinco conversavam sobre o que viveram durante a semana.

2.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas. Uma vez, os pais só souberam, na sexta-feira, sobre um braço quebrado da mais velha na segunda. Em outra, todos ficaram estupefatos à mesa quando a caçula demonstrou o que tem aprendido na aula de idiomas. Houve ainda a vez em que o pai se assustou com um cabelo pintado de rosa às escondidas e a sexta-feira em que as crianças prepararam um jantar completo: com salada, carne e sobremesa, sobressaltando os pais. E sempre, em todas as sextas, os adultos se surpreendem quando veem como cada uma delas se desenvolve e amadurece a cada semana. Criança cresce rápido demais.

3.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas, mas ninguém esperava a surpresa dessa semana. A primeira a ouvir aquele barulho ao longe, uma sequência em repetição que não formava exatamente uma música, foi a do meio. Logo, o barulho ia se aproximando do prédio e, com um pouco de atenção, foi possível perceber quando ele virou a esquina. Nesse momento, luzes vermelhas, piscando, refletiram nos vidros do segundo andar, invadindo a sala de jantar da família.

Vozes com pressa, gritos no vizinho, um choro desesperado, e aquela sirene permanente nos ouvidos da família—mesmo depois da ambulância partir levando um corpo morto.

4.

É com profundo pesar que noticiamos a morte do senhor Ricardo Fernandes Ribeiro. Ele deixou sua esposa e um filho na noite de ontem, 29 de setembro, vítima de um enfarte agudo do miocárdio. O velório e enterro acontecerão nesta tarde, no cemitério Jardim Esplendor.

Nossos sentimentos e solidariedade à família.

5.

Quando chegou à sua mesa na Vigilância Sanitária Municipal, Alberto ainda não sabia da notícia. Ele se sentou, conferiu o fato comum de não haver nenhuma demanda para o dia no meio de diversos papéis bagunçados e só depois percebeu a ausência de Ricardo na baia ao lado. Não estranhou, pois atrasos eram comuns ali. Talvez o amigo estivesse novamente preso no trânsito ou acordou atrasado. Quinze minutos é tolerável. Trinta minutos também. Uma hora, nem tanto. Duas horas de atraso é algo realmente esquisito e dá vontade de tomar café.

Alberto se levantou e seguiu para a cozinha da repartição. Dora, do andar de cima, segurando um

copo plástico com café adoçado, logo lhe deu um abraço de condolência. “Ele está num lugar melhor que aquela mesa apertada”, tentou o levantar de um jeito torto. Alberto ficou interrogativo, não havia entendido o que estava acontecendo. “Você não abriu o e-mail hoje?”

Ele não havia aberto. Sábados na Vigilância eram dias mortos, apenas para bater o ponto e agendar alguns compromissos para a próxima semana. Todos os alvarás já haviam sido encaminhados durante os dias realmente úteis. Não havia nenhuma necessidade de conferir a caixa de entrada.

Quando ele soube o que acontecera a Ricardo, não conseguiu segurar a lágrima. Permitiu-se a licença de chorar na frente de todos na morte de seu melhor amigo na repartição.

6.

Alberto casou-se jovem e aos 25, já pai, passou no concurso de fiscal da Vigilância Sanitária. Entrou na repartição pela primeira vez junto de Ricardo, e os dois se ajudaram desde o início, fazendo as visitas externas como uma dupla e expedindo juntos os documentos solicitados.

Um enxergava no outro uma amizade sincera, com uma cumplicidade difícil de ser notada em ambientes de trabalho. Nunca tentaram se sabotar, jamais deixaram de resolver juntos os problemas que apareciam, mesmo que isso significasse uma hora extra ou arquivos empoeirados sendo levados para casa.

Depois do expediente, eles, às vezes, saíam juntos para um bar. O escritório prendia a cabeça dos dois de tal maneira que parecia que somente um pouco de cerveja, fritura e futebol na televisão poderia os libertar novamente. Ricardo nunca entendeu muito do esporte, mas se esforçava nesses momentos com o amigo, comemorando ou parecendo revoltado nos momentos certos. A companhia era sempre boa.

Em outras noites, Alberto pedia um suporte do amigo para sair com umas mulheres. Ricardo nunca teve muito interesse na origem das amantes de Alberto, se eram da repartição, de bares, amigas de outros amigos, prostitutas, mas às vezes precisava ouvir pacientemente alguma história sobre seios grandes que acontecia num quarto de motel. “Qualquer coisa, fala pra minha esposa que minha bateria estava acabando, mas que eu estou na repartição”.

Ricardo nunca precisou contar nenhuma mentira solicitada, pois a esposa de Alberto nunca o procurou. Jamais houve qualquer tipo de interação entre as duas famílias.

7.

O ambiente de trabalho na Vigilância Sanitária Municipal costumava ser sempre sisudo e o silêncio envolvia o espaço de uma maneira incômoda, uma carimbada em uma ficha de controle já configurando um estrondo. Mas a amizade dos dois quebrava aquele sossego.

Dois adultos que viravam crianças, um sempre pregando peças no outro durante o horário de trabalho. Ricardo empurrando a cadeira de rodinhas quando Alberto estava prestes a se sentar, Alberto adicionando formulários falsos na pasta de avisos de Ricardo. Trocavam piadas sem graça pelo e-mail corporativo, provocando risadas exageradas e deixando todos na sala curiosos com os motivos. Como seriam os dias sem o amigo?

Sentado na sua cadeira, olhando para o monitor desligado do computador, Alberto lembrava outras histórias que ouviu, que viveu. Ele iria sentir falta da presença de Ricardo na baia ao lado—e provavelmente ser indiferente ao novo fiscal da repartição que ocuparia aquele lugar.

8.

Padre Antônio sempre começava seu dia com a oração do terço, pedindo a intercessão da Virgem

Maria para os trabalhos que Deus havia reservado para ele. Nesta manhã, a reza tinha ainda outro motivo: pedir pela alma de Ricardo, fiel da Paróquia Santa Inês.

Todos os domingos, logo pela manhã, Ricardo e Alice sentavam-se na quinta fileira de bancos do templo, perto do corredor central. Prestavam atenção a cada gesto, repetiam em voz alta cada oração durante a missa. Enquanto isso, eram observados de volta pelo padre no presbitério. Os sermões do padre costumavam ser emotivos e sem grandes afetações, o que agradava à Alice. Às vezes, ela gostava tanto da homilia que sentia a vontade de não sair daquele banco e esperar pela próxima cerimônia. Padre Antônio se sentia orgulhoso quando isso acontecia e, ao perceber, sempre jogava de longe um sorriso sincero aos dois.

9.

Por volta das 4 da tarde, padre Antônio separava e arrumava em sua bolsa aquilo que ele iria precisar na cerimônia de encomendação do corpo de Ricardo: bíblia, água benta, uma estola roxa e um pequeno livro de exéquias. Respirou fundo e tentou deixar sua alma mais calma. Proclamar estes rituais para pessoas tão próximas era sempre muito difícil.

10.

A relação do casal com o padre se estreitou assim que o único filho mudou-se de cidade. Alice passou a frequentar a igreja mais vezes por semana, aproveitando o remanso católico para meditar sobre a palavra de Deus. Uma ou duas vezes por mês, também procurava o padre para um aconselhamento ou se confessar, uma rotina de convívio e ajuda—por gratidão e amizade, começaram a marcar almoços especiais depois da missa das 10 da manhã.

Foi assim que ouviu a voz de Ricardo pela primeira vez, que parecia praticar sua fé de maneira muito mais individualizada e reclusa do que a esposa. As missas tornaram-se compromisso só pela insistência de Alice.

Aquele primeiro almoço foi agradável e o padre se sentiu muito bem acolhido pelo casal, conseguindo perceber os traços de Deus naquela casa. O ambiente trazia calma e a decoração terna, com diversos vasos de plantas e flores espalhados, mostrava o quanto os dois valorizavam a família: eram vários os porta-retratos com fotos em família ou do casal. Além disso, Alice sempre buscava encostar na mão de Ricardo ao contar histórias sobre como os dois se conheceram (passaram a morar na mesma rua), como foi o namoro (o pai de Alice bebia e conversava com Ricardo, enquanto ela preparava o almoço em outro cômodo) ou acontecimentos engraçados do dia do casamento (Ricardo não havia comprado nenhum sapato social e se casou de terno com sandálias).

O padre percebia nos olhares como os dois ainda eram apaixonados, mesmo depois de trinta anos juntos. Sentiu-se tão bem naquela pequena casa com jardim que se alegrou ao ser convidado para outros almoços como aquele—e sofreu um pouco ao lembrar-se de que eles jamais poderiam se repetir.

11.

A mão de Alice tremia enquanto deslizava pelas camisas de Ricardo no armário, procurando uma roupa representativa o bastante para entregar aos agentes da funerária. O cheiro de Ricardo ainda estava ali e seria difícil apagar a presença de algo que permaneceu vivo por tanto tempo.

Ela conseguia se lembrar da primeira vez em que o viu passando de bicicleta na frente de sua casa, parando quatro casas depois e entrando. A cintura bem delineada numa regata vermelha, as pernas fortes, porém finas, os braços machucados... Toda a composição da cena fez Alice querer estar com ele pedalando, para que sentisse o mesmo vento no rosto, abraçando-o por trás e assumindo o controle sempre que ele parecesse se desequilibrar e cair novamente.

Se ela não fosse insistente, o casamento nunca teria acontecido, ela sabia. Foi ela quem agiu como

uma detetive, seguindo os passos e pedaladas de Ricardo pelo bairro, encontrando-o “casualmente” sempre nas mesmas lanchonetes, esbarrando-se de propósito e fingindo que não foi. O primeiro convite para um cinema foi dela. Ele recusou num primeiro momento, parecia inseguro, mas acabou a procurando no dia seguinte – tremendo, mas parecendo decidido.

O primeiro beijo aconteceu já ali no cinema, o ambiente com a trilha de aventura para um Indiana Jones. E o namoro começava, com todas as cerimônias e recatos que convinham. O desejo dos dois suportava o contato vigiado e até aumentava com isso. A pressa passou a alimentar os dois, que se casaram em menos de um ano. O filho tardou um pouco mais, mas logo uma família bonita foi se formando ao redor da mesa de refeições, do sofá na sala e do quintal com pés de frutas. Heitor, guarda, seguro, aquele que combate o inimigo, um nome imponente que mal combinava com aquela criança frágil que foi. Só na adolescência que o garoto foi se fortificando, ficando mais rebelde dentro de casa e mais retraído fora dela, até que atingiu os dezoito anos e partiu para uma faculdade em outro estado. Em contrapartida, Ricardo parecia cada vez mais fraco e silencioso enquanto o tempo passava – uma culpa pesada nos olhos pelas situações problemáticas do filho.

12.

Alice precisou de muita força para que o casamento não se desfizesse. Era a voz conciliadora que acalmava os gritos de Heitor e consolava Ricardo. Os ataques do filho ao pai eram só uma fase, ela acreditava. O inferno não era real e o filho teria condições de ver isso quando saísse do ensino médio e fosse mais maduro.

Felizmente, as coisas melhoraram depois da partida de Heitor. A distância não modificou a relação de mãe e filho, mas Alice se gratificava por não presenciar nenhum olhar nervoso do filho ao pai. O que ela não sabia, mas eu presenciei, é que as palavras de ataque continuaram por um tempo.

13.

Ricardo tinha todo o tempo que precisava para ir da repartição à sua casa no intervalo de almoço, mas gostava de cultivar seus próprios pensamentos, sem as histórias de Alice ou a presença de Heitor. Sentar-se sozinho num restaurante lhe fazia bem. Ele escolhia três ou quatro guarnições para acompanhar um arroz branco no *self service*, uma bebida gelada e uma mesa de onde pudesse ter uma visão de todas as pessoas. Depois, em silêncio, observava as pessoas entrando sozinhas ou acompanhadas, de uniformes ou roupas comuns, escolhendo saladas ou carboidratos, sendo gentis com os garçons ou tratando-os com indiferença. Ele criava histórias e situações na sua cabeça, imaginava como elas chegaram até ali, mentalizava vidas que poderiam ser mas não eram.

Uma das vidas que ele imaginou era minha.

O estúdio de fotografia onde eu trabalhava havia instalado uma nova sede num prédio comercial perto daquele restaurante. Eu acabei ganhando o costume de comer ali, sempre ocupando a mesma mesa, perto do lugar correntemente escolhido por Ricardo. Depois de algumas trocas de olhares e de tanto observar a placidez que ele guardava no rosto, resolvi puxar assunto.

Parecia desconfiado a princípio, mas aos poucos fui o amolecendo, ele passou a se abrir mais e um dia recebi o convite para me sentar na mesma mesa que ele. Os almoços com Ricardo passaram a ser muito aguardados por mim e, julgando pelas conversas que rendiam e faziam o tempo voar, ele também me esperava.

Ele me contava das pessoas com quem ele convivia: as brincadeiras feitas com Alberto, a personalidade passivo-agressiva de Dora, os almoços de fim de semana com o padre, a família que formara com Alice e Heitor... Pessoas que eu pude conhecer e ouvir hoje, de longe, em seu velório. Aos poucos, Ricardo começou a se abrir e falar dele mesmo também. De como ele passou sua infância se sentindo inadequado entre os oito irmãos e sobre como as coisas pioraram quando ele foi ficando mais velho,

ainda dentro de casa, a mãe já falecida. Os machucados no braço, que dizia para Alice serem culpa da sua desatenção ao andar de bicicleta, foram todos ataques do pai. O casamento forçado, acelerado. O filho que desejou apenas para não frustrar Alice. A profissão que não o completava.

14.

Ricardo não apenas falava. A cada refeição nós dois nos desnudávamos, um na frente do outro, contando sobre nossas vidas e sobre nossas frustrações de homens de meia-idade. Ele passou a ser uma pessoa importante demais para mim, queria-o mais perto. Mais perto. O almoço passou a se estender para uma sobremesa na confeitaria da frente. Outras vezes, no meio da tarde, um chamava o outro para um lanche num café. A relação foi se estreitando e, da maneira menos premeditada e mais natural possível, o amor foi chegando e se instalando em nós dois.

Não houve por que negar, nem hesitar, pois os dois já haviam percebido como esse sentimento tomava conta de cada momento em que estávamos juntos. Mas, infelizmente, precisávamos nos esconder. Eu queria gritar e espalhar que eu estava apaixonado, mas ele era um homem casado, de família, não podíamos fazer isso.

Os *happy hours* com Alberto passaram a ser substituídos por noites comigo. As coisas aconteceram com pressa e logo escolhemos juntos um apartamento, sem trânsito. Eu me mudei sozinho, mas aos poucos, fomos tornando aquele o Nosso lugar, o ambiente familiar que ele sempre desejou de verdade... que todos percebiam na sua infância, mas todos escolheram reprimir. Eu o percebia mais leve e mais feliz a cada encontro, cozinhando nossa própria comida, assistindo filmes clássicos, fazendo recitais particulares de poesia, nos abraçando sob os lençóis. Os momentos extraordinários que passamos juntos tornavam difícil olhar para a tristeza que o tomava nas despedidas—e para a tristeza que o tomou depois que Heitor, procurando por algum arquivo no celular do pai, encontrou uma das mensagens que trocamos.

Heitor pensou em contar tudo para a mãe, mas preferiu guardar esse segredo para ele. Ter o pai nas mãos era melhor do que ter a fama de ser filho de um homossexual. Ele julgava sofrer sozinho por saber do relacionamento do pai, mas jamais fora empático o bastante para notar que tanto eu quanto Ricardo sofríamos também por precisar manter essa união em segredo.

Ninguém perguntou por nós.

15.

Em torno do caixão de Ricardo, as pessoas compartilhavam suas histórias com ele. Contavam de como se conheceram, dos motivos de terem continuado a relação, da maneira que descobriram a notícia da morte. Eu ouvia tudo de longe, tentando imaginar os gestos de Ricardo em cada cena e ligando as informações com as que eu já tinha ouvido por ele. Ver de perto aqueles rostos que eu tanto imaginei era estranho e extasiante ao mesmo tempo—uma sensação que confusamente me trazia vida. Ao ouvir cada história, Ricardo parecia mais vivo.

Eu não pude contar nenhuma das minhas histórias. Ninguém sabia de nossos almoços, dos nossos cafés, dos nossos banhos, das poesias que ele declamava ao ouvido, dos nossos beijos, dos motivos de seus atrasos no trabalho, de quem chamou a ambulância quando viu ele se contorcer e reclamar de dores e, principalmente, do motivo de ele ter sido encontrado num lugar onde não morava.

Todos vão criar suas versões da história quando souberem que o apartamento estava registrado em seu nome, que seus livros favoritos estavam naquela estante, que ele era visto todos os dias após o almoço pelas crianças uniformizadas dos Gurgel no elevador.

Mas esta versão escrevemos juntos a cada encontro - ela é apenas nossa.